

*Sobre Is The Man Who Is Tall Happy?
(Michel Gondry, França, 2013)
e uma entrevista de Juan e Paulo Branco
a Noam Chomsky¹*

João Veloso

jveloso@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto

Noam Chomsky é um dos meus heróis vivos (e quando digo “vivos”, não o digo apenas por Chomsky ainda estar biologicamente vivo, mas principalmente pela força inspiradora do seu contributo simplesmente grandioso para a linguística, para a ciência – e para a humanidade). Como costume dizer aos meus alunos, devíamos ter um busto dele em cada aula (vou dizendo isto à medida que vou apresentando outros nomes, e, às tantas, as minhas aulas, se esse desejo se realizasse, iam-se transformando num mausoléu, ou, se preferirem, numa galeria de super-heróis).

Para um linguista, não deixa de ser reconfortante pensar que um dos intelectuais dos séculos XX e XXI, um dos nomes mais influentes e respeitados do nosso tempo – um dos gurus de hoje! –, é, precisamente, um linguista. A página do MIT dá como certo que Chomsky é, com Freud, Hegel, Marx, Lenine, Shakespeare, Aristóteles, a Bíblia, Platão e Cícero, um dos nomes mais citados de sempre. É caso para dizermos: um linguista em boa companhia e a fazer-nos boa companhia!

¹ Este texto, com pequenas adaptações e supressões, corresponde ao que li no Teatro Municipal do Campo Alegre (Porto) no dia 21 de dezembro de 2014, a convite da Medeia Filmes, na apresentação do filme *Is The Man Who Is Tall Happy? (É feliz o homem que é alto?)*, realiz. Michel Gondry, França, 2013) e da entrevista feita em 2014 a Noam Chomsky por Paulo Branco e Juan Branco para apresentação no Simpósio Internacional “Ficção e Realidade – Para Além do *Big Brother*” (como parte do programa da edição de 2014 do *Lisbon & Estoril Film Festival*). Um agradecimento especial é devido a António Costa, da Medeia Filmes, pelo convite para participar nessa sessão e fazer a apresentação pública do filme e da entrevista. Agradeço ainda à Prof^a Doutora Ana Maria Brito o convite para publicar este texto neste número da *Linguística*.

O CHOMSKY LINGUISTA

Como linguista, Chomsky não é um linguista qualquer. Na década de 1950, foi ele que de certo modo *refundou* a linguística. Assim como os renascentistas Copérnico e Galileu nos ensinaram a olhar o mundo com verdade, assim como Carl Friedrich Gauss e alguns dos seus contemporâneos, colegas e continuadores conseguiram, no rescaldo das Luzes e ao longo do século XIX, uma “reconceptualização” da geometria de Euclides, ou tal como Einstein, no século XX, redimensionou toda a física, Noam Chomsky é a barreira, epistemológica e temporal, entre uma “linguística pré-chomskyana” e uma “linguística pós-chomskyana”.

Não vou aqui, como é óbvio, entrar em detalhes técnicos sobre as principais e mais inovadoras propostas do programa da Gramática Generativa proposto por Chomsky e desenvolvido por equipas de linguistas em todo o mundo há perto de 60 anos. O filme foca alguns dos pontos dessa “mudança de paradigma” (para usar agora a expressão consagrada de Kuhn 1962).

Quando me perguntam (e acontece muitas vezes) “*mas afinal o que é que o Chomsky tem de diferente dos outros linguistas?*”, começo sempre por dizer algo como: “*estás a ver o Einstein? O Einstein que mudou toda a maneira de olhar para a natureza física do universo, capaz de desafiar e virar ao contrário o modo como desde sempre olhámos para o que aparentemente temos de mais garantido no mundo, como o tempo, o espaço, a massa, a energia? Um génio? Um visionário? – Pois o Chomsky é como ele!*”. O Chomsky é, dentro dos limites inevitáveis destas comparações tiradas à pressa do bolso das calças, o Einstein da linguística. É o homem brilhante – *genial* – que introduziu mudanças absolutamente radicais – *revolucionárias* – na forma como os linguistas trabalham, pensam, formulam hipóteses e procuram explicações acerca de objetos eles mesmos completamente reformulados, redefinidos e redimensionados. A revolução epistemológica que o seu contributo veio trazer à linguística pertence ao conjunto daquelas que, nos vários domínios do conhecimento, ocorrem uma vez ou menos em cada século.

No meu livro preferido de Chomsky e que é aquele que eu aconselho a todos os meus alunos como leitura de cabeceira – *O Conhecimento da Língua* –, Chomsky (1986) dedica mesmo alguns momentos de reflexão teórica à questão, discutida por alguns dos seus continuadores, de a investigação linguística feita fora do “seu” paradigma poder caber ou não dentro do âmbito deste ramo da ciência². Independentemente de toda a admiração que sempre nutri pela figura e pela obra de Chomsky, o tom categórico de tal proposta pareceu-me, quando dela tomei conhecimento pela primeira vez (há muitos anos), bastante exagerado e, até, muito drástico. Contudo, assim como nos nossos dias se rejeitaria imediatamente qualquer “estudo” astrofísico baseado no geocentrismo pré-copernicano ou na não relatividade do tempo pré-einsteiniana, hoje não podemos deixar de concordar em grande parte com os que dizem que, num certo sentido, realmente, só à luz do programa generativo se justifica investigar esta faculdade que é, de entre todas as capacidades biológicas, a que distingue o *Homo sapienssapiens* (o *Homo loquens*, como Fry (1977) preferiu chamá-lo (chamar-nos)) de todas as outras espécies animais à face da Terra. Refiro-me à linguagem tal como entendida no pensamento chomskyano: como uma predisposição inata, exclusivamente humana, para, expostos a um estímulo pobre, mínimo e fragmentário (e Chomsky, no filme que vamos ver, também nos fala disso), adquirirmos uma língua natural. No quadro de pensamento fundado por Chomsky, é essa predisposição que nos leva a desenvolver uma gramática finita e implícita (que a nós, linguistas, caberá explicitar, explicar e formalizar). Espartilhada pelos limites da gramática universal, a linguagem superficializa-se em línguas geográfica, tipológica e geneticamente muito distantes que, por muito diversas que nos pareçam, respondem de modo substancialmente invariável perante um conjunto

² As palavras exatas de Chomsky, comentando interpretações da sua própria obra que excluem do escopo da linguística todas as abordagens não generativas, são as seguintes, e demonstram que a posição de Chomsky não é, afinal, tão radical como muitas vezes se afirma: “É possível dizer-se que as propostas terminológicas apresentadas por Soames [um dos autores que excluem liminarmente da linguística qualquer estudo que se afaste dos pressupostos nucleares da Gramática Generativa relativos, p. ex., ao inatismo, ao universalismo e à eleição da língua-I como o único objeto de estudo] são um pouco excêntricas. Parece no mínimo estranho definir «linguística» de forma a excluir muitos dos seus maiores praticantes – por exemplo, Roman Jakobson e Edward Sapir, que certamente não teriam aceitado que aquilo que Soames considera como dados extralinguísticos fosse irrelevante para as questões da linguística, tal como eles as entendem [...]. [...] a verdadeira questão que se coloca é a de saber se há ou não razões para estabelecer uma disciplina de «linguística» que se restringe, por razões apriorísticas, a alguns dados particulares e que constrói um conceito de «língua» que pode ser estudado no âmbito desta escolha de dados relevantes. [...]” (Chomsky 1986: 52-53).

limitado de restrições rígidas e também invariáveis, coligidas numa parcela específica e especial das capacidades cognitivas humanas.

Como todas as grandes ideias, esta é uma ideia tentadoramente simples e aparentemente óbvia (mas só na aparência o é!). Como é próprio dos grandes cientistas, Chomsky não a constrói do nada, não a tira da cartola como num exercício de diletantismo intelectual, não a exterioriza com um estalar de dedos. Como é típico dos verdadeiramente sábios, Chomsky conhece o passado das grandes ideias. Como costuma dizer-se, “leu os clássicos”, e lembra outros que, antes, séculos antes, puseram em destaque características da linguagem e da cognição que são os mais importantes pontos de partida do generativismo clássico: o inatismo, a criatividade linguística, o conhecimento implícito da língua, a dualidade mente-cérebro. E cita, nos seus textos mais programáticos – bem como no filme e na entrevista a que assistiremos hoje à tarde –, os nomes e os textos de Leibniz (e a contenda entre Leibniz e Locke), de Hume, de Descartes, de Humboldt, a “Gramática de Port-Royal” como alguns dos seus precursores e inspiradores.

Uma das suas ideias centrais – podemos dizer que, na época e no contexto epistemológico em que Chomsky as delineou e defendeu, em meados do século passado, além de centrais, foram também ideias *revolucionárias* – consistiu na proposta de que o objeto central do linguista não são propriamente os produtos empiricamente acessíveis exteriorizados pela capacidade linguística humana. Isto é: os milhões de milhões (na verdade: o infinito número de) frases de uma língua, devidamente registadas, descritas, catalogadas, autopsiadas, não são o verdadeiro *explicandum* do linguista. Ao linguista interessará descrever os mecanismos cognitivos, biologicamente implantados, que tornam possíveis tais produtos “externos”. Como costumava dizer aos meus alunos, não é fundamentalmente a carne picada que nos interessa; interessa-nos saber como funciona a máquina que a pica e tecer hipóteses, e testá-las, acerca das estruturas hipotéticas, abstratas – **conjeturais** (em linguística, como em matemática, trabalhamos muito, eu diria que trabalhamos *fundamentalmente*, com conjeturas) – que são o *input* desse mecanismo gerador de produtos externos. As clássicas

oposições, hoje do domínio geral, *competência/performance* ou *língua-I/língua-E*, que qualquer linguista deve ter sempre em mente, são um adquirido pós-chomskyano (este “pós” é temporal e é causal). No filme, teremos oportunidade de o ouvir falar sobre este assunto também, assim como o ouviremos acerca de dois outros temas associados a esta mesma questão e estreitamente relacionados entre si: a faculdade da linguagem como parte das capacidades inatas do indivíduo e o célebre “problema de Platão”, assim batizado por Chomsky – como é que, com base numa experiência tão escassa, construímos, como que *instintivamente*, um conhecimento tão amplo de um objeto tão abstrato e complexo como é a estrutura gramatical da nossa língua materna? Trata-se de uma questão que dividiu, e ainda dividirá, linguistas, psicólogos, psicolinguistas e biólogos, e que dá corpo a um dos debates científicos mais interessantes do século XX, tendo posto em confronto, p. ex., dois gigantes do pensamento como Noam Chomsky e Jean Piaget num dos encontros de Royaumont, o de 1975³.

Estas são algumas das pistas apaixonantes abertas pelo pensamento de Chomsky e que fazem do trabalho em linguística, hoje, uma aventura intelectual tão gratificante e tão irresistível.

Ainda a propósito do Chomsky-linguista que se torna mais nítido no belíssimo filme que vamos ver, deixem-me só sublinhar os dois aspetos seguintes, que transparecem também da obra de Michel Gondry:

- em primeiro lugar, e continuando a olhar a rutura que Chomsky estabelece com o paradigma estruturalista dominante na época da afirmação epistemológica da “sua” Gramática Gerativa: na sua formação inicial como linguista, como é evidente, Chomsky não escapou à “formatação” clássica que era a reinante enquanto Chomsky era um jovem estudante. Ele próprio o refere, na conversa com Gondry, quando recorda os primeiros trabalhos que redigiu ainda enquanto estudante principiante de linguística, nomeadamente a sua tese de licenciatura (reformulada mais tarde como tese de mestrado também), sob a orientação do excecional estruturalista

³ A leitura dos textos resultantes desse encontro (Piatelli-Palmarini, Massimo (Org.), 1979) é, sem dúvida, um elogio e um estímulo à inteligência humana, comparável ao filme a que hoje iremos assistir.

Zellig Harris, sobre a morfofonologia do hebraico. Tratava-se de um trabalho clássico, bastante formatado ainda por muitos dos cânones centrais da linguística estruturalista que o programa chomskyano viria mais tarde a refutar – mas já prenunciando uma visão crítica, comungada em parte pelo próprio Zellig Harris, acerca da conceptualização geral das línguas e das gramáticas então predominante⁴. Este episódio biográfico de Chomsky faz-nos lembrar uma outra viragem fundamental na História da Linguística: o contraste entre os primeiros trabalhos académicos do fundador da disciplina, Ferdinand de Saussure – de que aqui destaco, primeiramente, aquele que é porventura o seu mais antigo texto a ter merecido uma maior atenção e divulgação (a *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (Saussure 1878), uma descrição do sistema vocálico indo-europeu arcaico e das suas primeiras ramificações nas línguas indo-europeias mais antigas) e, a par deste, a sua tese de doutoramento, uma dissertação sobre o genitivo absoluto do sânscrito defendida em 1881 na Universidade de Leipzig (Saussure 1881) – e as propostas inovadoras que viriam a assegurar ao seu autor o reconhecimento como o “pai da linguística”. Nesses estudos mais iniciais, bem como noutros trabalhos desenvolvidos por Saussure na época anterior ao seu *Cours de Linguistique Générale* (Saussure 1916), os pressupostos e as metodologias que se respeitam e se adotam são absolutamente concordantes com o quadro histórico-comparatista do século XIX cuja substituição Saussure haveria de propor alguns anos depois, em Genebra, para assim desencadear a fundação da moderna linguística científica. Quanto a mim, é muito interessante, e *muito encorajador*, pensar que os dois momentos de nascimento, renascimento e viragem da história da minha disciplina resultaram, no fundo, de dois atos de rebeldia – consciente, racional, cientificamente equilibrada, fundamentada, baseada no exame crítico e no pensamento autónomo – de dois intelectuais de rasgo que personificaram aquilo a que gosto de chamar **o poder criativo da rutura**; também em ciência, é do inconformismo e da **revolução** – deixem-me usar aqui a palavra *revolução*, num sentido até um pouco mais subversivo do que o que lhe é dado, em epistemologia, por Kuhn (1962) – que surgem os progressos e os grandes saltos (o velhinho Saussure era outro dos bustos

⁴ Uma reedição moderna deste texto pode encontrar-se em Chomsky (2012).

que, apesar da minha inclinação generativa, gostaria de ver nas minhas salas de aula);

- em segundo lugar, um outro aspeto interessante, e que testemunhamos no filme que vamos ver, tem a ver com uma coincidência, uma daquelas coincidências que, até para um racionalista como eu, têm de ter um sentido qualquer: a dada altura, como verão, Gondry pergunta a Chomsky o que é que ele queria ser em criança quando fosse grande (esta deve ser a frase/interrogação mais estafada de todas as línguas naturais, que por pouco dava razão ao carácter behaviorista da linguagem a que Chomsky tão veementemente se opôs). Chomsky responde (e desculpem estar a adiantar uma parte do filme) que queria ser “taxidermista”, um embalsamador de animais, porque, diz ele, “a palavra *taxidermista* era uma palavra bonita, que lhe soava muito bem”. Isto de ir atrás da forma fonética das palavras não é exclusivo dos poetas, como se vê, e já prenunciava, se acreditássemos em prenúncios, o brilhante futuro de Chomsky como linguista (ainda que mais atraído pelas estruturas formais da sintaxe do que pelas da fonologia...). Mas a coincidência para que queria aqui chamar a vossa atenção tem a ver com um outro pormenor: numa das apreciações que Chomsky faz acerca de outros modelos de pesquisa em linguística não inteiramente coincidentes com os que ele próprio propõe, o fundador do generativismo linguístico pretende reduzir os investigadores centrados na coleção e catalogação de dados linguísticos (isto é, os linguistas prioritariamente focados na(s) língua(s)-E) a “coleccionadores de borboletas”⁵, a quem o autor chama também, noutros momentos, “*taxonomistas*”. Numa passagem do filme, é feita referência a esta conceção de linguística (refutada pelo nosso homem de hoje à tarde), ainda que, tanto quanto me lembro, sem nunca se usar o termo “*taxonomista*”. É curioso verificar que o menino que queria ser taxidermista se tenha tornado o homem que recusou a taxonomia (estes dois termos relacionam-se etimologicamente): é nas inflexões da vida que está muitas vezes o encontrar do caminho certo, e o percurso original e corajoso de Chomsky é particularmente exemplar neste aspeto.

⁵ A seguinte passagem, em que Chomsky se refere aos métodos e objetivos da sociolinguística, ilustra o que acaba de ser dito: “You can also collect butterflies and make many observations. If you like butterflies, that’s fine; but such work must not be confounded with research, which is concerned to discover explanatory principles of some depth and fails if it does not do so.” (Chomsky 1979: 57).

O CHOMSKY CIENTISTA

Um grande linguista como Chomsky, capaz de operar uma rutura tão definitiva dentro da sua própria ciência, não pode deixar de ser também, como é óbvio, um cientista ímpar e, ao mesmo tempo, um filósofo e um genuíno filósofo da ciência.

Em princípio, qualquer cientista competente sabe interrogar-se sobre os dados que observa, os resultados a que chega, as análises que desenvolve; qualquer cientista competente vai descobrindo, no seu dia-a-dia, perguntas mais ou menos pertinentes e caminhos mais ou menos adequados para as explorar e questionar.

O filme mostra muito bem essa faceta do pensamento crítico e analítico de Chomsky: uma sede insatisfazível de saber e conhecer, uma capacidade inesgotável de fazer perguntas e procurar caminhos, uma curiosidade infinita que o leva sempre a examinar criticamente todas as dimensões de todas as perguntas e todas as fraquezas de todas as respostas. Isto torna-se comovedoramente patente nas intervenções de Chomsky a propósito dos assuntos mais triviais ou, até, mais íntimos que são abordados ao longo da espécie de entrevista com o realizador, desde a forma como conta como estudava hebraico em casa com o pai até à forma como explica o conceito de “continuidade psíquica” (recuperando aqui um termo que a psicologia cognitiva, que recebeu um impulso tão decisivo da linguística chomskyana, praticamente abandonou, mas fazendo lembrar Trubetzkoy – mais um busto! – e a “realidade psíquica” do fonema, ou então a “realidade psicológica” das unidades e processos gramaticais tão metodicamente procurada pelos primeiros discípulos de Chomsky, em particular nos domínios da psicolinguística e da aquisição da linguagem nas décadas que se seguiram aos primeiros textos programáticos do generativismo clássico).

Mas só um cientista que vai muito para além do trabalho rotineiro e repetitivo do “profissional da ciência” é capaz de levar tão longe e tão fundo esta “obsessão interrogativa” que se estende aos próprios fundamentos, às motivações e à natureza da ciência em que trabalhamos. Saussure morreu cedo – partiu sobretudo sem tempo para testar devidamente e para concretizar

algumas das propostas mais inovadoras do seu *Curso de Linguística Geral*, postumamente publicado. Teríamos essencialmente de esperar pelos linguistas de Praga, a partir de finais dos anos 1920, para ver o seu programa minimamente “experimentado”. Felizmente, Chomsky viveu o suficiente para, com lucidez e energia, ver a sua teoria testada, reformulada, discutida, aplicada, contestada, parcialmente retomada por uns, parcialmente refutada por outros, violentamente dirimida por muitos. Conheceu muitas descrições de gramáticas particulares e muitas tentativas de descrição de processos cognitivos e linguísticos baseadas nas suas propostas teóricas. Ele próprio participou numa grande parte dos trabalhos que aplicaram, reviram, melhoraram e discutiram as suas propostas iniciais, da Teoria Standard à Teoria dos Modelos e Parâmetros e ao Programa Minimalista. Assistiu ao desenvolvimento de modelos teóricos, como os Modelos Não Lineares da Fonologia, a Teoria da Otimidade e a Biolinguística, que, partindo de alguns dos seus pressupostos essenciais, acabaram por originar abordagens particulares de múltiplos fenómenos linguísticos nem sempre inteiramente concordantes com os textos mais programáticos do próprio inspirador do generativismo.

Este não é o resultado de um “cientista rotineiro”. É o fruto – e é a prova – da excecionalidade do tal “revolucionário” que surge de cem em cem anos, ou mais raramente até, para não só fabricar e acrescentar conhecimento novo àquele que já temos, mas para nos ensinar novas maneiras de fabricar conhecimento, para nos mostrar novos sítios onde procurá-lo e para nos ajudar a desenhar a realidade a novas dimensões. E isso só é possível quando se é capaz de, com um conhecimento profundo do passado da ciência, se pôr em causa os cânones fulcrais da nossa própria disciplina, através da dúvida metódica, sim, mas através também de um escrutínio meticuloso, rigoroso, obsessivo, de todo o caminho que conduz à obtenção de conhecimento, desde a nascente até à foz, e através de uma criatividade desassomburada e sem medo de projetar nova luz sobre novas e velhas trevas.

É nesse sentido que podemos dizer que Chomsky é mais do que um linguista (de resto, há já alguns anos que a “descrição de línguas” e da

própria faculdade da linguagem deixou de constituir o “grosso” da produção científica de Chomsky, se é que alguma vez o foi verdadeiramente): ele é um epistemólogo da linguística; é, como tinha sido Saussure meio século antes, um apontador de caminhos, um perguntador compulsivo, um escrutinador incansável. Se é da dúvida que nasce o amor à sabedoria e se é da filosofia que derivam todas as ciências, é também neste sentido que podemos aplicar a Chomsky um rótulo que lhe agrada, o de filósofo (filósofo da ciência, filósofo do conhecimento, filósofo da linguagem e da linguística e filósofo do mundo).

Conhecimento é, sem dúvida, uma das palavras-chave com que podemos descrever a vida e obra de Chomsky, e o filme de Gondry, mais uma vez, mostra-nos isso. A paixão de conhecer, a busca, a construção e a partilha do conhecimento são o grande motor da invulgar personagem que é Noam Chomsky. Elevar a linguagem de um conjunto finito de produtos linguísticos a uma forma de conhecimento computacionalmente capaz de gerar um número infinito de frases – que é, em suma, o grande contributo científico e filosófico da refundação linguística de Chomsky – é senão a consequência “natural”, óbvia e inevitável desta atitude de reformulação constante e profunda do que sabemos ou julgamos saber a cada dia que passa e é também a consequência mais drástica de uma verdadeira *mudança de paradigma*.

O CHOMSKY POLÍTICO

Para o chamado “grande público”, a faceta talvez mais conhecida de Chomsky é a do ativista político: o esquerdista “radical”, o “American hater”, o “leftist libertarian” (para usar a gíria com que na sua América muitas vezes o apodam), o ídolo dos anarquistas, o combatente inconveniente que, não obstante a proeminência da sua posição institucional académica, levanta a voz, acusa, incomoda os poderes instalados, confronta o poderio militar, financeiro e político do seu próprio país com as contradições e as atrocidades em que o *establishment* se envolve (e se conspurca). Desencantando tempo e energias não sei onde, Chomsky desenvolve, a par da sua carreira académica e científica, uma notável atividade cívica, colocando a sua voz

dura, crítica, inflexível, lúcida, ao lado dos deserdados da História, daqueles que nasceram do lado desfavorecido da vida, dos que são metodicamente humilhados e espezinhados para proveito de outros, nomeadamente para proveito das elites mais poderosas, mais subjugadoras e mais ocultas dos Estados Unidos e dos seus aliados.

Recordo que, durante a ocupação indonésia de Timor-Leste, Chomsky era dos poucos americanos que se insurgiam contra a escravidão e o genocídio impostos aos nossos irmãos timorenses; sem medo e sem papas na língua, era dos únicos a apontar publicamente o dedo às cumplicidades da Casa Branca, do Capitólio, do Pentágono, da classe política americana em geral com o regime de Jacarta. Se mais não lhe devêssemos enquanto portugueses (ou timorenses), isso lhe ficaríamos a dever por muito tempo.

A mesma voz insubmissa se levantou aquando das duas guerras do Iraque, dos massacres na Palestina, do genocídio dos curdos (dos curdos “bonzinhos” aos olhos do Ocidente, no Iraque, e dos curdos “esquecidos” do Ocidente, na Turquia); é essa ainda a mesma voz corajosa que se tem feito ouvir também a propósito dos episódios de violência policial e racial nos Estados Unidos, das modernas formas de espionagem interna e externa, das tentativas mais ou menos descaradas de, nas chamadas “democracias ocidentais”, se limitarem os direitos sociais e políticos dos cidadãos, das perseguições dignas dos estados mais obscurantistas que têm sido movidas contra homens como Julian Assange e Edward Snowden (sobre que Chomsky fala mais longamente na entrevista concedida a Paulo Branco e Juan Branco).

Gondry recorda, nos primeiros momentos do seu filme, um documentário muito popular de 1993, *Manufacturing Consent*⁶, que em muito contribuiu para um conhecimento mais generalizado do “Chomsky político” (foi o que se passou, p. ex., em Portugal). Tratava-se de um documentário em que Chomsky procurava demonstrar de que forma a manipulação da informação

⁶ *Manufacturing Consent: Noam Chomsky and the Media* (realiz. Mark Achbar e Peter Wintonick, EUA, 1993), baseado no livro *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media* de Herman & Chomsky (1988).

por parte dos grandes jornais e cadeias de rádio e televisão em países como os Estados Unidos, servindo interesses económicos e políticos aliados na construção de um projeto de ocupação do espaço público, “fabrica” (pseudo-)verdades e consensos com base nas quais se procura legitimar um conjunto de práticas que desonram os fundamentos democráticos das sociedades republicanas e modernas em que queremos viver com justiça e dignidade, com liberdade de arbítrio e liberdade de ação.

Na entrevista e no filme que veremos dentro de momentos, este Chomsky político também se expõe em toda a sua autenticidade e clarividência.

Muitas vezes me perguntam o que há de comum entre o Chomsky académico-linguista-cientista, supostamente integrado num sistema (numa “zona de conforto”, como agora se diz a propósito, p. ex., das universidades – e de todos os espaços que estão na mira da gulodice neocon) e este Chomsky interventivo, denunciador, revolucionário, quase um “eterno adolescente” que não desiste de lutar por um mundo melhor, mais fraterno, mais limpo e mais justo. (O próprio Chomsky parece ter querido alimentar esta divisão: durante muitos anos, quando saía dos Estados Unidos para proferir conferências, não misturava na mesma viagem conferências de cariz científico com intervenções políticas.) Quanto a mim, há muito de comum a estes dois Chomskys (que, ousado dizê-lo, são só um, concordando com a tese central de Barsky (1996) no seu livro *Noam Chomsky: A Life of Dissent*): atrevo-me mesmo a dizer, e recorrendo a um conceito que vai ser apresentado no filme que vamos ver, que entre um e outro, como nas duas árvores iguais que identificamos como exemplares da mesma espécie, há uma espécie de “continuidade psíquica”. O mesmo rigor, profundidade, imparcialidade, minúcia e racionalidade que o Chomsky-linguista coloca na análise dos dados linguísticos e na proposta de um programa científico para a exploração da faculdade da linguagem são os responsáveis pela sua visão analítica, objetiva e crítica da situação social, política e económica que atravessamos. Uma barreira que Chomsky nos ensinou a destrinçar muito bem, no estudo das línguas, foi aquela que devemos traçar, em certos domínios da gramática, entre o que é aparente e empiricamente acessível – as estruturas ou representações de superfície – e os princípios e unidades

abstratas que subjazem a esses dados mais “materiais” – as estruturas profundas ou subjacentes. Estas últimas só se tornam observáveis a partir de uma análise racional, de um esforço analítico potente, do estabelecimento de conjecturas consistentes e resistentes à comprovação dos dados ou dos argumentos. Esta inevitabilidade de olhar para além do que veem e ouvem os nossos sentidos, de procurar relações abstratas e hierárquicas por trás da ordem linear das palavras numa frase, o comprometimento inegociável com a verdade, o rigor e a análise, são, quanto a mim, os mesmos que conduzem Chomsky a ver – e a denunciar – para além do que nos querem mostrar, a desmontar mitos e falsificações, a tentar reconstituir a subjacência causal do mundo desordenado em que vivemos. Também aqui encontramos a grandeza de Chomsky.

O CHOMSKY HOMEM

As pessoas que vivem obcecadas com o conhecimento, com a busca e construção de novas ideias e novas explicações para os factos, com a procura das regularidades, com o estudo, fechadas em bibliotecas ou laboratórios atrás de abstrações e formalizações, tentando partilhar com discípulos mais ou menos interessados parte do conhecimento que é património de todos – também são pessoas comuns. Comem, dormem, ficam doentes, têm manias, apaixonam-se, zangam-se, envolvem-se em relações complicadas, têm passatempos, passam por momentos bons e por momentos maus, alegram-se, dececionam-se, às vezes têm vontade de desistir. São mulheres e homens como qualquer mulher e como qualquer homem.

Uma das maravilhas deste filme e das entrevistas que vamos ver hoje à tarde é o lado humano de Chomsky: o Chomsky filho, o Chomsky irmão, o Chomsky marido, o Chomsky pai, o Chomsky avô, o Chomsky viúvo que, apesar de toda a fama do mundo, sente todas as noites a falta da sua mulher e tem sempre a seu lado uma cadeira vazia quando agora vai ao cinema.

Esta é se calhar, naturalmente, a dimensão menos conhecida de Chomsky. Mas completa a visão do cientista e do ativista político; dá-lhe um sentido humano, faz-nos sentir mais próximos de um gigante a cujos

ombros continuaremos a olhar mais além durante décadas ou séculos. E é um dos consolos talvez mais secretos de vermos o filme de Gondry.

* * * * *

Já devem ter percebido que eu sou um bocado suspeito para falar de qualquer coisa que tenha a ver com Chomsky, mas deixem que vos diga: o filme de Gondry é, não só como um documento intelectual mas também como um objeto artístico e cinematográfico, uma joia. Chegamos ao fim e gostávamos que continuasse, como quando se acaba um livro onde mergulhamos compulsivamente ou a visita de um amigo querido que nos faz esquecer o tempo que voa.

A triangulação, muito bem conseguida por Gondry neste filme, entre o Chomsky da ciência, o Chomsky do empenhamento cívico e o Chomsky da intimidade familiar, mostrando-nos afinal um homem com quem, mesmo com um inglês parisiense, é possível falar de ideias simples e de ideias complexas, fazem deste filme uma experiência intelectual e estética de que não quereremos desgarrar-nos.

No início, vangloriei-me – e peço desculpa aos não linguistas aqui presentes – pelo facto de um ser com a projeção intelectual, científica, académica, cívica, filosófica, política, social e mediática como Chomsky ser um linguista. Nos anos sessenta, dizia-se (não a propósito da Gramática Generativa, entenda-se) que a linguística era a *ciência-piloto das ciências sociais e humanas*. Era um chavão que teve a sua época e as suas consequências. Mas ver que um dos intelectuais mais marcantes do mundo contemporâneo é um linguista é um grande consolo para qualquer linguista, é claro. Juntar a isso a lembrança de que alguns dos grandes intelectuais “enciclopédicos” do nosso tempo foram outros linguistas também – e estou aqui a lembrar-me, a título de exemplo, de Roman Jakobson e, aqui bem perto de nós, em todos os sentidos, de Óscar Lopes, que se destacaram como linguistas mas que ultrapassaram, pelas suas grandeza e imponência culturais, a barreira de um qualquer rótulo – contribui para desmentir aquela ideia comum que faz do linguista um ser estranho, uma espécie

de insensível autopsiador da língua, um bárbaro. Exemplos como estes não deixam de nos fazer pensar que a linguística, para além dos detalhes técnicos de que se ocupa, pode efetivamente ajudar-nos a compreender o Homem e o seu mundo a um nível muito privilegiado, dando-nos a chave para entrarmos no que há de mais humano dentro de nós.

O António Costa, da Medeia Filmes, pediu-me que falasse cerca de 10 minutos sobre o filme que vamos ver. Acho que me excedi um pouco no tempo e nos objetivos do que ele me pediu. Estou quase a terminar, porque hoje, realmente, a tarde é do Noam Chomsky, do Michel Gondry, do Juan Branco e do Paulo Branco. Deixem-me só finalizar com uma nota muito breve (e egoistamente muito pessoal): o filme termina com umas observações acerca de uma das frases de Chomsky que ficaram famosas na sua tentativa de explicar a natureza e as especificidades dos mecanismos de construção de frases. (“O homem que é alto é feliz” e a interrogativa “É feliz o homem que é alto?” que lhe corresponde ainda não ultrapassaram porém em popularidade, penso eu, “As ideias azuis incolores dormiam furiosamente”). Queria só dizer, tomando essa frase que dá título ao belíssimo filme que vamos ver, que este homem que é alto e que daqui vos fala (estou agora a falar de mim!) é feliz por ser um linguista que cresceu, enquanto pessoa e enquanto linguista, no século de Chomsky e *está feliz* por poder hoje apresentar-vos, comovidamente e com votos de Feliz Natal, este filme que passa a ser um dos filmes da minha vida. Oxalá gostem tanto dele como eu gostei!

REFERÊNCIAS

- Barsky, R. F. 1996. *Noam Chomsky: A Life of Dissent*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Chomsky, N. 1979. *Language and Responsibility. Based on conversations with Mitsou Ronat*. Sussex: The Harvester Press.
- Chomsky, N.1986. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger. Trad. port.: A. Gonçalves, A. T. Alves: *O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa: Caminho, 1994.

- Chomsky, N. 2012. *Morphophonemics of Modern Hebrew*. London: Routledge Revivals [1ª ed. com distribuição comercial: New York, Garland, 1979].
- Fry, D. B. 1977. *Homo loquens: man as a talking animal*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Herman, E. S. & Chomsky, N. 1988. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon.
- Kuhn, T. S. (1962/2012). *The Structure of Scientific Revolutions*. 4th ed., 50th anniversary edition. Chicago: The University of Chicago Press. [1ª ed.: 1962].
- Piatelli-Palmarini, M. 1979 (Ed.). *Théories du langage, théories de l'apprentissage. Le débat entre Jean Piaget et Noam Chomsky*. Paris: Seuil.
- Saussure, F. de. 1878. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig: Teubner.
- Saussure, F. de. 1881. *De l'emploi du génitif absolu en Sanscrit*. Genève: Fick.
- Saussure, F. de. 1916. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot.